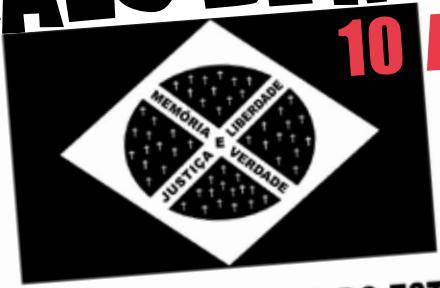




JUFALA #3



**ESPECIAL
MÃES DE MAIO
10 ANOS**



CONTRA O TERRORISMO DO ESTADO



**QUE
GUERRERA**

LADAINHA

NOSSAS SENHORAS DA PERIFERIA

Mãe dos filhos negros – Lutamos com vós!

Mãe dos filhos sem pai – Lutamos com vós!

Mães que abriram mão de seus filhos

- LUTAMOS COM VÓS!

Maria dos filhos assassinados – Lutamos com vós!

Mãe dos filhos descalços – Lutamos com vós!

Mãe das crianças sem creche – Lutamos com vós!

Mulheres dos abortos clandestinos – Lutamos com vós!

Maria dos sexos forçados – Lutamos com vós!

Maria dos anseios – Lutamos com vós!

Maria dos corpos violados – Lutamos com vós!

Maria dos abandonos – Lutamos com vós!

Maria das jornadas duplas – Lutamos com vós!

Maria das dores – Lutamos com vós!

Maria dos partos violentos – Lutamos com vós!

Maria das ocupações periféricas – Lutamos com vós!

Maria das lutas e coletivos – Lutamos com vós!

Rainha das empregadas domésticas

– Lutamos com vós!

Rainha dos bares – Lutamos com vós!

Rainha dos homens – Lutamos com vós!

Rainha curandeira – Lutamos com vós!

Rainha do lar – Lutamos com vós!

Filhas do corpo reprimido – Lutamos com vós!

Maria de todas as Silvas – Lutamos com vós!

Homens sejam coparticipativos na Luta.

- ESTAMOS COM VÓS

Deusas e deuses a vós suplicamos que nossas mulheres
sejam ouvidas e que conceda a força para continuarmos
na batalha, firmes e fortalecidas, agraciadas pelo
empoderamento nosso de cada dia.

AMÉM. AXÉ. AWERE.

NÃO ACEITO O PADRÃO IMPOSTO
PORQUE O QUE ME DÁ GOSTO
É SER ADMIRADA PELA ESSÊNCIA

E quando tiver a mim
como a negra bonitinha
dos cabelos emaranhados
eu rasgo!
todos esses rótulos
Porque eu,
não aceito o padrão imposto
porque o que me dá gosto
é ser admirada pela essência
A mulher negra que duas crianças
amamenta
E o faz ao mesmo tempo!
E gritarei aos sete ventos
NÃO TE INTERESSA
se estou ou não de calcinha
a cor predominante da melanina
Nunca se submeterá
a esse papel de mulata
quando retratada
a um ícone de carnaval
de um corpo escultural
Porque não é você homem
branco que dá o aval
Você burguês
não entende o português
esse nosso periférico
que se opõe aos seus critérios
E direcionar
espremendo um olhar em minha
direção
com esse olho azul
meu brado ecoará
mandando você tomar
NO CU.

FALA GUERREIRA!

Chegamos a nossa terceira edição. E para conseguir chegar até aqui foi uma caminhada de muita luta e muitos encontros. Encontros em que mulheres sábias, nas cirandas da vida, vibraram a força feminina que habita cada guerreira. Assim caminhamos, parceiras, companheiras, trocando nossas dores e alegrias e fundamentalmente caminhamos unidas em luta. E é de muita luta que essa edição foi feita.

Temos a alegria de ter em nossa revista nossas Rainhas, inspiradoras de luta e referência da força feminina: **AS GUERREIRAS MÃES DE MAIO**, que com toda a coragem caminham, há **10 ANOS, FIRMES POR JUSTIÇA** e contra o genocídio do povo negro. É diante dessa ancestralidade que entendemos a necessidade de ter coragem pra falar e não desistir...

E já que o assunto é luta, queremos discutir e construir o nome da nossa revista: Fala Guerreira! Nós reconhecemos que o termo escolhido apresenta uma dubiedade e achamos importante conversar sobre ela. Pra gente, **GUERREIRA É A MULHER FORTE, QUE LUTA TODOS OS DIAS POR AQUILO QUE ACREDITA**.

E há muitas maneiras de lutar. Então, Guerreira, acorda cedo, acorda tarde, cuida dos filhos, não tem filhos, trabalha longe de casa, cuida do próprio negócio, faz faculdade, frequenta bares. E com tudo isso não desgruda dos seus objetivos, não se afasta da luta.

No entanto, sabemos também a exaustão que essa luta diária nos traz. O alerta fica ligado constantemente em todos os espaços que nos fazemos presente: contra o encochador do busão, de olho no colega de trabalho que opõe nossa voz, no papo de bar que nos coloca (sempre) em inferioridade...

NÃO DÁ PRA DESCANSAR. E AI MORA UMA QUESTÃO, JÁ QUE NINGUÉM QUER GUERREAR PARA SEMPRE.

Numa sociedade de iguais, onde nossa condição de gênero, racial e de classe não nos torne menores, a luta tem trégua e podemos ser quem a gente quiser.

Enquanto isso, porém, a realidade chama para o combate a essa sociedade machista, racista e capitalista... E cá estamos e assim nos apresentamos, com muita força, com cumplicidade entre nós, com afeto e generosidade pra derubar todas as normas que insistem em nos apagar. Por isso, insistimos: Fala Guerreira! Vamos falar e nos soltar dessas amarras que aprisionam a nossa vontade de ser humana, livre de práticas que assassinam a mulher sábia que habita em cada uma de nós.



ILUSTRAÇÃO: CAROLINA TEIXEIRA

Índice

31	RITA CARNEIRO
32	ARAILDA CARLOS AGUIAR DO VALE
36	PATRÍCIA TIROLA
38	PERIFERIA SEGUE SANGRANDO
40	DANI REGINA E JENY NASCIMENTO
44	ANDREZA DELGADO
46	FORMIGA
47	CRIS OLIVEIRA
2	DANIELLE BRAGA
3	THAYANEDDY ALVES
6	MÃES DE MAIO
12	ELAINE CAMPOS
18	DEISE MARTINS
24	BIA OLIVEIRA
26	MARIA GALINDO

expediente

PROJETO **FALA GUERREIRA!**
MULHER E MÍDIA NA QUEBRADA

#3 ♀ março/2016

FALA GUERREIRA É Alessandra Tavares de Oliveira, Anabela Gonçalves, Ana Liz, Carla Aguiar, Bia Oliveira, Carolina Teixeira, Danielle Braga, Danielle Regina de Oliveira, Dara Santos, Dandara Gomes, Dayse Oliveira, Gabriela Miranda, Izabela Machado, Jenyffer Nascimento, Lia Moreira, Mariana Brito, Miguel Soares,

Michelle Mesquita, Formiga, Nath Pires, Patrícia Tirola
Paula Franco, Rita Carneiro, Silvana Martins Costa

REVISÃO: Ana Liz e Dayse Oliveira

PROJETO GRÁFICO: Sisil do Brasil

AS PARÇAS: Andreza Delgado, Cris Oliveira, Elaine Campos, Deise Martins, Thais Buarque

f falaguerreira@gmail.com **f** facebook.com/falaguerreira

realização

#FALA GUERREIRA

Bloco Beço

VAI
Vale do Rio Pequeno

PREFEITURA DE SÃO PAULO



MÃES DE MAIO: 10 ANOS DE LUTA NA LUTA

Nós, do Fala Guerreira, tivemos o prazer de conversar com a Débora Maria da Silva, liderança do movimento MÃEs de Maio. Não é fácil conversar com alguém como a Débora, diante da admiração que temos pelas suas trajetórias, na resposta de dialogar e aprender com uma Guerreira que, ante a dor maior de perder um filho assassinado pela polícia, não esmoreceu e transformou essa dor em luta.

Pernambucana de nascença e moradora da baixada santista há xx anos, Débora é mulher de fala firme, olhar aceso e peito aberto. Logo no começo da nossa prosa, seus olhos marejaram e a voz embargou. A emoção nos atravessou, afinal, nada temos a ver com repórteres ou jornais sensacionalistas, somos nós ali também, porque sabemos bem de quem é o sangue que escorre nas quebradas desse nosso mundão.

Destacamos aqui trechos dessa nossa conversa com a Débora e com a Vera, em que família, violência de Estado, luta por justiça, memória e resistência se fundem, diante da vida cotidiana e da complexidade de buscar caminhos para essa árdua luta que completa 10 anos, mas ainda está muito longe de acabar.



OS PRIMEIROS CHAMADOS PARA LUTA:

DÉBORA O desaparecimento do meu irmão mexe muito comigo. Eu não consigo me conter quando eu toco no assunto. Então, desde que ele desapareceu, em 1980, na época do esquadrão da morte, as poucas respostas do desaparecimento do meu irmão foram por muita insistência da minha parte. Porque minha família é uma família de cristãos e eles achavam que tudo “Deus proverá”. É a frase que meu pai falava. Eu sou muito diferente. Meu pavio é curto e eu não esperei para lutar. Quando chegou em (19)92, houve uma bala perdida com um inquilino do meu pai, o Sidney, em uma quermesse em São Vicente. Aí eu não esperei e botei MEU BLOCO NA RUA. O sangue que corre na minha veia não espera e eu incentivei a favela a se mobilizar. A gente se mobilizou com os estudantes, fechamos os colégios todinhos pra ir pra luta. A gente não tinha dinheiro, era favela mesmo. As mães cederam alguns lençóis dos berços e foi assim que fizemos as faixas e fomos para prefeitura de São Vicente, porque a gente sabia que a quermesse era de responsabilidade da prefeitura. O caso Sidney não caiu na impunidade. A prefeitura se prontificou a pagar todos os danos morais e materiais e uma pensão vitalícia pra mãe até os 65 anos. Aquilo ali foi a primeira vitória!

A PERDA DO FILHO E A LUTA COMO ÚNICA POSSIBILIDADE DE EXISTÊNCIA:

DÉBORA Quando o Sidney morreu, nós fizemos toda essa manifestação e depois que morreu meu filho eu só pensava no Sidney. Pô, eu lutei pelos filhos dos outros porque eu não vou lutar pelo meu? Foi quando eu comecei a militar mesmo, de corpo e a alma mesmo. Eu tinha um ideal e eu ia lutar por esse ideal até o fim. Cada uma tem um jeito de lutar, mas a gente sabe que ninguém se entrega como eu me entreguei. Eu me entreguei mesmo. Porque a minha vida não tem sentido se não for essa luta.



Eu me alimento dela. Todo sacrifício para mim é válido. Eu volto renovada quando eu faço uma atividade, quando eu vou à luta, um chamado.

SER NEGRO E POBRE: ALVO PRIMÁRIO DO ESTADO

DÉBORA Desde o momento que meu filho apagou para mim, ele deixou uma mensagem: "luta pelos vivos". Se eu não lutar pelos vivos minha vida não tem significado. A gente luta por uma geração para que baste de matar o pobre e o negro. Ser pobre não é crime. Se todas essas mulheres sair para a rua para lutar, eles correm, mas elas não querem expor os maridos na televisão. Expor os filhos. Elas sabem que elas vão ter repressão. O terrorismo que veste farda. Aí faz um contexto geral que é um estado fascista, genocida que tem se implantado no Brasil para destruir nossos descendentes, nossos ancestrais.

E a minha identidade como negra, ela só surgiu, quando eu perdi meu filho. Meu filho era da minha cor e ele recebeu a sentença no posto de gasolina: "neguinho morreu você, você é ladrão". Então como que ele é um negrinho e eu sou não? Eu não era morena, uma mulata

ta como eu era chamada. Eu me conscientizei que eu sou negra.

O CHAMAMENTO A OUTRAS MÃES

DÉBORA Mãe não precisa de dia. Mãe precisa da memória dos filhos. Eu faço uma pergunta e essa pergunta paira no ar nos meus debates. Como é que uma mulher ela tem um filho morto pelo Estado e ela acha natural, e caí no conformismo e não quer nem tocar no assunto? Não quer vir pra luta? Na minha cabeça isso não é papel de uma mulher, é um papel da covardia.

É insuportável de ver a dor delas e elas querem que a gente resolva os problemas delas e muitas vezes a gente não consegue. Mas a gente tem almejado várias conclusões positivas para as que chegam agora, porque começou lá trás. E é isso: faça por você mesma! Nós, mães, a gente tem um po-

COMO É QUE UMA MULHER ELA TEM UM FILHO MORTO PELO ESTADO E ELA ACHA NATURAL, E CAÍ NO CONFORMISMO E NÃO QUER NEM TOCAR NO ASSUNTO? NÃO QUER VIR PRA LUTA?



der que nem a gente sabe, mas a gente tem um poder. E esse poder nosso é o poder de luta mesmo, que vem dos nossos ancestrais. Eu tenho um pouco de Dandara, um pouco de Zumbi, mas eu tenho o corpo inteiro de uma bruxa que eles não conseguiram queimar.

JUSTIÇA?

DÉBORA Difícil. Uma das minhas companheiras se entregou pra bebida. Ela militou comigo durante três anos, depois se entregou pra bebida. A Vera foi a terceira mãe. Quando cheguei lá e olhava pra cara da Vera, meu filho morreu, mas e ela que perdeu uma filha grávida com nove meses de barriga? Daí as outras mães, elas clamam por uma justiça que essa justiça não existe. E a gente, o movimento MÃES de Maio e eu também, a gente não vende esperança, a gente vende luta. Pra poder almejar a esperança de uma justiça para

todos, igualitária. E a gente sabe que essa justiça não funciona pra nós, pobres.

COMO O MACHISMO AFETA A LUTA DAS MULHERES

DÉBORA Que absurdo chega essa lei Maria da Penha, por parte do machismo de quem está aplicando. Você vê até que ponto leva uma mulher que quer lutar. Porque o homem ele é tão canalha que ele usa a mulher como uma forma de descarrego do seu ego e depois ele descarta a mulher. Não é à toa que tem várias mulheres que perdem os filhos. Porque os homens as abandonam com os meninos, elas têm que sair para trabalhar para criar os filhos, e os filhos acabam sendo abraçados pelo poder paralelo e muitas vezes o poder paralelo ele vem vestido de farda ou então de terno e gravata e depois que os filhos são executados, elas são culpadas e oprimidas pelos companheiros delas que não aceitam as mulheres lutando.

ENFRENTAMENTO POLÍTICO NA PRÁTICA

DÉBORA quando eu frequentava a igreja com meu pai, pequeninha, eu já era rebelde. Quan-



ria, dos movimentos sociais. E eu tinha a prática na mão, então eu comecei a aprender com eles, debater com eles... Minha missão. É acabar com o genocídio no nosso país. É um legado.

REPRESÁLIAS:

VERA: Eu ainda não tive tempo pra um luto, eu não paro. Eles começaram a perseguir a minha família porque eles queriam que eu falasse que quem matou a minha família foi o crime e não foi, eu sei que não foi. E eu falei pra Folha (Jornal Folha de S. Paulo) que quem matou minha filha foi a polícia sim. O jornal saiu na terça-feira, na quarta eles invadiram minha casa. Ficou todo mundo preso, porque eles falaram que acharam droga na minha moto. Só que essa droga não apareceu até hoje e eu quero que eles provem. Vocês não deveriam estar me caçando, deveriam estar caçando quem matou a minha filha.

PELO SANGUE E PELA DOR...

VERA: Quem cuida de nós somos nós mesmas. É nós por nós. Porque com psicólogo nós não podemos contar, que somos cabide de emprego para eles. Todos que foram ficar com a gente, arrumaram um serviço em Brasília. Depois usou tudo que nós falamos como tese e nunca se lembraram de nós. Então eu acho que é uma pela outra. O meu calmante é brigar com eles. (o Estado). Vou descontar toda minha neurose que vocês fizeram eu passar. As Mães de Maio, sem dúvida, são um exemplo de mulheres de luta, guerreiras que nos motivam a não sucumbir. E se é com luta que seguimos, no dia 01 de maio esperamos todos na inauguração do Memorial das Mães, no Centro Cultural Jabaquara, porque os filhos se foram, mas a história que escreveram continuará acesa em nós.

**"VIVER SEM CONHECER
O PASSADO É COMO
ANDAR NO ESCURO"**

(FILME: UMA HISTÓRIA DE AMOR E FÚRIA)

MINHA MISSÃO. É ACABAR COM O GENOCÍDIO NO NOSSO PAÍS. É UM LEGADO. (DÉBORA)

Trechos do relato de Débora Maria sobre a morte do seu filho, Rogério, publicado no Livro Do Luto à Luta - Mães de Maio, p. 24. 2011

Edson Rogério Silva dos Santos, 29 anos. Gari há 6 anos, pai de um menino na época com 3 anos. No dia 15 de Maio de 2006 teve sua vida ceifada.

Passamos o domingo, Dia das Mães, todos reunidos em casa. Além de ser dia das mães, também era meu aniversário, mas nunca poderia imaginar que seria o último dia mais feliz da minha vida.

Ao anoitecer fomos para suas casas, inclusive o Rogério, pois tínhamos comprado uma casinha que estava em reforma, para sair do aluguel. Eu não estava ainda morando nela, mas o Rogério ficava de vez em quando lá, por precaução, pois havia vários materiais de construção comprados com muito esforço. Ele antes de ir embora me falou: "Mãe, vou dormir lá, pois irei trabalhar no dia seguinte". Mesmo de atestado médico, tinha feito uma cirurgia dentária, com 15 pontos na boca. Eu lhe perguntei: "Porque você vai trabalhar, se está de atestado?". Ele me respondeu: "Mãe, estou com medo de perder o serviço". E lá se foi...

No dia seguinte, pela manhã, recebi um telefonema: um parente policial militar dizendo para que eu avisasse ao meu genro que tomasse cuidado, não ficasse marcando bobeira na rua, pois quem estivesse na rua seria considerado inimigo da polícia. "Avise também para as pessoas de bem, não para 'lixo'". Rogério passou o dia sem entrar em contato comigo. A situação era desesperadora: parou ônibus, fecharam os comércios, pessoas assustadas nas ruas.

Por volta das 22:00hs, ele chegou em minha casa, atrás do antibiótico que tinha deixado no domingo. Eu falei: "O quê você está fazendo na rua? Não está vendo como está essa situação?". Dei o recado do policial e ele falou: "Não precisa se preocupar com essas coisas, Mãe. Já estou indo". Pediu

10 reais para colocar gasolina em sua moto e foi embora..

Mas qual foi minha supresa? Tinha costume de escutar um programa policial que se inicia às 8:00hs. Liguei o rádio, quando o repórter anunciou: "Houve uma matança em nossa região, com 16 pessoas mortas".

O repórter disse: "Irei ler por etapa, digo, por cidade, a relação dos nomes das vítimas, começando por Santos". Fiquei ouvindo para ver se conhecia alguém, foi quando chegou no terceiro nome e era o do meu filho. Enlouqueci. Parecia que o mundo tinha desabado em cima de mim. Não acreditava, mas logo veio a confirmação.

Sofri muito, mas muito mesmo. Imagine uma Mãe receber a notícia da morte de seu filho pelo rádio! Passei alguns dias sem comer, sem dormir, tentava uma explicação: por que fizeram isso? Aconteceu. Era um trabalhador. Durante 40 dias eu vegetei, acabei me hospitalizando, mais ou menos por 10 dias. Foi quando eu senti ele me dizer: "Mãe se levanta! Seja forte!".

Me levantei mesmo. No dia seguinte recebi alta. Fui pra casa e, passando mais ou menos uma semana, fui à procura das outras mães que tinham perdido seus filhos também.

A primeira que eu encontrei foi a Edinalva; depois fomos atrás da Vera; e assim por diante, uma atrás da outra.

Aí começou a peregrinação. Ninguém queria saber da nossa dor: delegacias, Ministério Público, veradores... Ninguém.

Corrímos de um lado para o outro atrás de explicações: nossos filhos eram trabalhadores e estudantes. Eu sabia que a polícia tinha matado eles, alguém tinha que nos ajudar. Assim pensávamos, mas foi puro engano. Nossa luta, que agora faz 10 anos estava apenas começando.

MULHERES LIVRES: IMAGENS INSURGENTES

**ELAINE CAMPOS,
FOTOGRAFA,
FEMINISTA E
MILITANTE**

Costumo dizer que concentro o meu olhar naquele espaço que é o da dobra entre o ativismo, o fotojornalismo e a arte. Essas e muitas outras fronteiras são capturadas pelas minhas lentes, enfoca mulheres em momentos de luta contra engrenagens normalizadoras; fissuras nas quais identidades e corporalidades são construídas e (re)afirmadas. Através desses retratos tento contribuir para expandir os limites do que poderia ser pensado como feminismo ou movimento de mulheres (movimentos que também têm as suas hegemonias). De quantas mulheres são feitos os feminismos? Eu responderia: de muitas! Mulheres negras em sua incansável tarefa de enegrecer esses e outros movimentos sociais; mulheres sem terra e sem teto na batalha constante contra a especulação fundiária e imobiliária; sapatonas batucando pela visibilidade de seus corpos peludos; mulheres fazendo da literatura, do hip hop ou do anarcopunk moradas plenas de vitalidade; mulheres de punhos cerrados e levantados que gritam juntas pela matéria de seus sonhos; entre uma infinidade de outras.



▼15ª Jornada Antifascista (São Paulo, 2015)

Nasci e cresci no município de São Gonçalo, periferia do RJ, vivo há 16 anos em São Paulo. Formei-me em Sociologia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Procuro marcar presença constante em manifestações, protestos, debates, palestras, saraus, eventos culturais – variados encontros promovidos por e entre aquelas que não acreditam que esse mundo é o melhor que podemos conseguir para se viver. As imagens geradas por mim, também me coloca em cena e convida a pensar sobre o lugar da fotografia também como um lugar de resistência.

Contatos: elainecampostografra@gmail.com
www.elainecampostografra.tumblr.com/



▲ Marcha da Consciência Negra (São Paulo, 2013)

▼Outro 13 de Maio, Cortejo do Ilú Obá De Min (São Paulo, 2014)





▼9º Encontro Internacional da Marcha Mundial das Mulheres (São Paulo, 2013)



▼Sarau da Ocupa (São Paulo, 2012)



▼8 de março: Dia Internacional de Luta das Mulheres (São Paulo, 2012)





▲8 de março: Dia Internacional de Luta das Mulheres (São Paulo, 2012)



▲Caminhada de Lésbicas e Bissexuais de São Paulo (São Paulo, 2014)



▲1º Negritude Na Periferia (São Paulo, 2013)



▼Marcha das Vadias (São Paulo, 2014)



A MULHER E O CÁRCERE: BREVES REFLEXÕES

DEISE MARTINS É ADVOGADA, FEMINISTA E MILITANTE.

Refletir sobre o direito penal e seu caráter seletivo, a mulher e o cárcere sempre é muito visceral, principalmente, por percebê-lo na periferia, pois esse direito repressor é sentido aqui da forma mais violenta e opressora do que em qualquer outro lugar, sobretudo, com relação à população negra. Mas por qual razão nós somos alvos da faceta mais repressora do Estado? Por qual motivo a imensa maioria da população carcerária é periférica, pobre e quase sempre negra?

Tais inquietações nos levam a questionar: pra quê serve o direito penal? Essa reflexão será nosso ponto de partida, pois o direito criminal é formulado pelo Estado capitalista que, enquanto gestor dos interesses da burguesia, utiliza-se deste instrumento de repressão para defender os interesses da classe dominante com base em opressões, sobretudo, de gênero e raça.

Partindo dessa premissa, poderíamos pensar em diversas perspectivas críticas em relação ao direito penal numa ótica mais ampla. Porém, o que chama a atenção, é que o sistema capitalista assimila as opressões existentes e as intensifica para poder explorar mais ferozmente, especialmente, o papel dos grupos mais oprimidos na sociedade burguesa.

Desse modo, as violências do sistema carcerário se potencializam em relação às mulheres periféricas e negras (2 em cada 3 presas são negras), de modo que as opressões de gênero e raça, no contexto do cárcere, vão além da situação das mulheres presas, estando também relacionadas aos fatores que as empurram para o cárcere, além das violências passadas por mulheres não condenadas pela prática de crimes, mas que de alguma forma sofrem com os efeitos do cárcere.

OS CRIMES

No universo dos crimes que levam as mulheres ao encarceramento, o tráfico de drogas desonta, equivalendo a 68% dos crimes.

Para além de todas as críticas possíveis a serem feitas sobre a política de drogas no país, cuja finalidade é higienista e de controle sobre o contingente populacional, especialmente negro, refletimos aqui por quais razões o tráfico de drogas encarca mulheres.

Muitas delas são as únicas provedoras de renda em suas famílias, de modo que em algumas situações o tráfico de drogas acaba criando condições para a mulher obter renda e, ao mesmo tempo, continuar exercendo seu papel social na família – que lhe é imposto –, pois o tráfico pode ser viabilizado na própria residência ou em locais próximos de onde mora.

Mas essa situação não é a regra. A posição da mulher no tráfico é reflexo do que ocorre no mercado de trabalho, no qual mulheres são destinadas aos postos mais precários e menos remunerados. Em geral, no tráfico, as mulheres se envolvem em razão de seus companheiros que por uma relação de dominação se utilizam delas para fazer o trabalho sujo, muitas vezes como “laranjas”, e quando a casa cai eles desaparecem e a mulher assume toda a responsabilidade.

Ainda na seara da família, mulheres também são pegas por tráfico diante do surgimento da necessidade de proteger sua família quando, por exemplo, a polícia encontra drogas escondidas em sua casa e para não colocar seu familiar

em situação de perigo acaba assumindo que as substâncias lhe pertencem. Nesta situação também se verifica que as características atribuídas às mulheres, de sensibilidade, bom coração, do lar, naturalizam essa obrigação de cuidados com a família.

Crimes contra o patrimônio também representam parcela significativa de delitos que levam mulheres ao cárcere, 21% dos casos. Ocorre que, na maioria das vezes, os delitos contra o patrimônio também são consequência do papel social imposto às mulheres e das necessidades criadas pela própria lógica capitalista. Nesse passo podemos citar os crimes de bagatela (ou insignificância), casos em que o patrimônio subtraído não possui valor econômico expressivo (sugiro assistir documentário “Bagatela”, de Clara Ramos).

Verifica-se que na maioria dos casos, pequenos furtos ocorrem para a obtenção de alimentos para seus filhos/as ou para suprir necessidades criadas pelo mercado de consumo, relacionadas à manutenção de um padrão de beleza, como ocorre no furto de perfume, shampoo, peças de roupa, dentre outros.

Essas questões revelam como a entrada das mulheres no cárcere, em sua grande maioria, está relacionada a relações de opressão ou a necessidades ligadas a um papel social que nos é violentamente imposto.

O ABANDONO E A INVISIBILIDADE

A população carcerária, em geral, é invisibilizada, pouco se fala ou escuta a seu respeito. Ocorre que nesse contexto

a mulher sofre um duplo abandono, sendo que até sua própria família se afasta.

Todas nós sofremos constantemente um julgamento moral, que se intensifica quando crimes são cometidos. Num contexto de machismo, a mulher é tida como um ser dócil e sensível, que tem obrigação de assumir uma postura rescatada e de cuidado com o lar e família. Essas características que servem bem para a lógica do capital, não são compatíveis com o comportamento criminoso, de modo que a mulher passa a não ser mais útil. Esse julgamento moral afasta a mulher encarcerada de sua família, pois aos olhos dos outros, deixa de ser o exemplo, deixa de ser a mãe dócil que é obrigada a ser.

No tocante ao companheiro, uma reflexão se coloca. O homem é considerado um ser livre, independente, sexualmente ativo, que tem capacidade de discernimento sobre seus atos (lembrando que até 2003 a lei considerava a mulher casada como incapaz para praticar atos civis), características estas que são incompatíveis com a permanência de qualquer vínculo com a companheira que está presa. Assim, raros são os casos em que ocorrem visitas de companheiros.

Especificamente quanto às mulheres negras, sobretudo periféricas, sua invisibilização social é mais feroz. Se no contexto exterior ao cárcere são vítimas das mais duras opressões de gênero e raça, em que são tratadas por essa sociedade machista e racista como mão de obra doméstica e pedaços de carne à disposição dos desejos sexuais masculinos, na situação no cárcere não seria diferente. Do contrário, se torna pior.

Como consequência de todo esse quadro, a visita íntima raramente ocorre nas penitenciárias femininas, que apesar de autorizadas nos presídios femininos, existem relatos de que em alguns locais ainda são dificultadas pela administração dos presídios.

Isso revela também outra faceta da opressão de gênero, pois ainda vivemos uma repressão da sexualidade feminina, intensificada no caso da mulher encarcerada, eis que a sociedade impõe que se não somos meros objetos性uais somos então seres assexuados e só servimos para a procriação, não tendo direito de se relacionar sexualmente.

O abandono das mulheres com a consequente ausência de visitas dificulta o acesso à justiça, pois acabam não tendo com quem contar para buscar auxílio externo a fim de efetivar alguns direitos, ficando à mercê do Estado que as inviabiliza.

AS CONDIÇÕES NOS PRESÍDIOS

Os estabelecimentos prisionais, com raríssimas exceções, são criados sob a ótica masculina, pensados para a utilização pelos homens. Essa realidade machista culmina na falta de atendimento de necessidades específicas das mulheres. A maioria das penitenciárias que alocam mulheres é adaptada ou mista, espaços construídos para comportar homens.

Como consequência dessa mentalidade machista que reveste as penitenciárias femininas, questões relacionadas à saúde e maternidade não são atendidas.

FOTO: MARCOS LABANCA / CONSELHO DA COMUNIDADE DE FÓZ DO IGUAÇU / DIVULGAÇÃO



Dados apontam que havia apenas 1 médico/a ginecologista para cada grupo de 1,7 mil mulheres presas. Ademais, muitas penitenciárias deixam de fornecer absorventes suficientes para as mulheres, ao ponto de surgirem denúncias sobre o uso de miolo de pão como absorvente interno em casos extremos.

Ainda, não há estrutura alguma para a maternidade. Não raras vezes os partos são realizados de formas extremamente precárias e, para além do parto, a amamentação e cuidados com o recém-nascido são realizados no ambiente hostil da penitenciária, ante a inexistência de locais apropriados, como creches nos estabelecimentos ou até mesmo políticas de regime domiciliar em tais casos.

Todo este contexto revela que também no cárcere a mulher e suas especificidades são tidas como de menor importância, agravando o quadro de violência sofrida, que ultrapassa o encarceramento em si.

A EXPLORAÇÃO DO TRABALHO

A Constituição Federal proíbe o trabalho forçado, porém, a Lei de Execuções Penais dispõe que o trabalho da pessoa presa é obrigatório, diminuindo o tempo de pena a ser cumprido (1 dia de pena a cada 3 dias de trabalho). Essa é uma grande contradição, reduzida no seio jurídico a um debate semântico sobre a diferença entre forçado vs. obrigatório, como se na prática não representassem a mesma coisa.

Para além desse debate, a questão é: o trabalho da pessoa presa existe, é obrigatório, mal remunerado e não tem amparo das normas de "proteção" ao trabalhador. A própria lei dispõe que a remuneração não pode ser inferior a 3/4 do salário mínimo, fator que acaba estabelecendo valor fixo a ser pago pelo trabalho. Ainda, para precarizar mais, a norma dispõe que a pessoa presa não está sujeita à aplicação das nor-

mas trabalhistas, afastando, por exemplo, qualquer possibilidade amparo à trabalhadora gestante ou acidentada.

O trabalho da pessoa presa é colocado como sendo algo enobrecedor, uma espécie de “laborterapia”, mas na realidade o plano de fundo revela a superexploração de uma quantidade expressiva de mão de obra barata e precarizada, mais uma vez evidenciando como o sistema capitalista se apropria para explorar mais intensamente.

No que é pertinente às mulheres, essa superexploração é acompanhada de opressões de gênero, eis que são relegadas às atividades rotuladas como sendo típicas das mulheres, reforçando estereótipos de delicadeza e fragilidade femininas: confecção de roupas, costura, bordado à mão, dentre outras, uma espécie de divisão sexual do trabalho.

Essa precarização do trabalho, que é colocado como barganha para diminuir o tempo de pena, evidencia que o cárcere é rentável e é mais um instrumento de maior exploração capitalista, seja pela própria precarização, seja pela violência intensificada das opressões de gênero existentes.

FAMILIARES RESOS E REVISTA VEXATORIA

A situação da mulher com o cárcere ultrapassa o encarceramento, fator que revela como a violência de gênero opera ferozmente quando o assunto é direito penal e prisão.

A mulher está ligada com o cárcere também quando possui familiares presos. Isso porque as visitas nos presídios

masculinos são realizadas quase que absolutamente por mulheres.

Esta realidade espelha uma sociedade machista em que a mulher está sempre em uma relação de dependência com o homem, assumindo um papel de cuidado, em que deve fazer tudo pelo outro e nada para si. Quando é mãe vive para os filhos e família, quando é esposa vive para organizar a vida doméstica para o outro, para a família, quando o assunto é sexualidade vive para satisfazer o outro e não a si própria. Num contexto macro em que o viver para o outro é a regra geral, quando olhamos para os presídios masculinos em dias de visita tudo é tão absurdamente igual.

Muitas mulheres se veem reféns da situação de possuírem familiares homens presos. São inúmeras as relações travadas, desde o papel de cuidado com filhos e netos que é tido como tipicamente feminino, até coação física e psíquica, sem contar as violências sofridas no momento da visita, pois não raras vezes mulheres são colocadas como moeda de troca, mercadoria, um pedaço de carne a ser negociado entre os presos homens.

Além desses fatores, temos a revista vexatória, que destaco como sendo uma das piores formas de violência contra a mulher. Fato é que apesar de ter sido proibida por lei no Estado de São Paulo há pouco mais de um ano (Lei nº 15.552/2014), existem relatos do seu descumprimento por unidades prisionais.

Na ocasião da visita, dias de infinitáveis filas compostas quase que exclusivamente por mulheres, estas são submetidas a uma revista antes de entrar na penitenciária. No entanto, não é

uma simples revista: é uma tortura realizada por agentes do Estado que não é feita em visitantes homens.

Ficar nua na frente de pessoas desconhecidas, agachar sobre um espelho diversas vezes, pular despida quando não há espelhos, ser violada fisicamente pelas mãos de estranhos, ter sua intimidade e condição de mulher aviltada violentamente.

Com isso, vemos que mesmo não sendo condenadas e julgadas por crimes, a condição das mulheres ligadas de alguma forma com o cárcere é extremamente opressora.

REFLEXÕES

Vivemos num sistema capitalista, de dominação de classes, no qual a exploração da força de trabalho é o mote. A partir disso, a ótica do capital identifica as opressões existentes na sociedade para poder tirar o maior proveito possível. Assim, a binariedade de gênero, a questão racial e as opressões delas decorrentes são acirradas e apropriadas pelo sistema, de modo que o papel social imposto às mulheres, especialmente pobres, negras e periféricas, se torna foco da exploração capitalista.

Nesse passo, a presente reflexão sobre a mulher e o cárcere tem o condão de evidenciar que este cenário de opressões não está descolado da lógica de exploração capitalista, muito pelo contrário. A ligação da mulher com o cárcere está intimamente ligada aos rótulos e papéis sociais impostos às mulheres, potencializados quando se trata de mulheres da periferia e negras, revelando uma sociedade pautada pelo

machismo e no racismo, dos quais o sistema capitalista tira proveito, pois se apropria das opressões existentes para a intensificação da exploração.

Assim, a presente reflexão não tem o condão de reivindicar a igualdade de condições entre homens e mulheres no que se refere ao cárcere, até porque o parâmetro masculino não é uma referência a ser almejada. A luta pela humanização das condições das mulheres ligadas ao cárcere e o fim das opressões de gênero e raça dentro da lógica capitalista é legítima e necessária na medida em que concretamente inúmeras mulheres sofrem cotidianas violências que precisamos combater também cotidianamente. Porém, a luta não pode se esgotar aí, pois a melhoria das condições das mulheres encarceradas não significará a eliminação das opressões existentes.

Assim, a presente reflexão almeja contribuir no sentido de revelar algumas contradições do capitalismo e evidenciar como este sistema se utiliza das opressões, reproduzindo-as de forma violenta para explorar mais intensamente mulheres pobres, negras e periféricas.

SIGAMOS RESISTINDO!

¹Para reflexão, sugere-se a leitura: ENGELS, Friedrich. MARX, Karl. Manifesto Comunista. Edição Comemorativa 150 Anos. São Paulo: Boitempo.

²Ministério da Justiça. INFOOPEN Mulheres. Junho/2014, p. 24.

³Idem, p. 29.

⁴Idem.

⁵ Mapa das Prisões. Conectas Direitos Humanos, 2013. Disponível em: <<http://www.conectas.org/pt/acoes/justica/noticia/25378-mapa-das-prisoes#>>.

⁶ Constituição Federal, 1988 (artigo 5º, inciso XLVII, alínea "c").

⁷ Lei de Execuções Penais nº 7.210/1984 (artigo 31 e artigo 126, §1º, inciso I).

⁸ Idem (artigo 28, §2º e artigo 29).

⁹ Sugere-se a leitura: TOLEDO, Cecília (org.). A mulher e a luta pelo socialismo. 2ª ed. São Paulo: Sundermann, 2014 (Introdução).

¹⁰ Para maiores reflexões sobre o caráter concretamente transformador das ações, sugere-se: LUXEMBURGO, Rosa. Reforma ou Revolução? 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.



PELO FIM DA REVISTA

Você já ouviu falar sobre revista vexatória? Certamente se você tem alguma pessoa próxima a você em situação de cárcere você já ouviu falar sobre essa perversidade.

A revista vexatória é uma medida humilhante e ineficaz, que todos/todas visitantes de presos e presas precisam se submeter para ter acesso ao complexo penitenciário. Independente da idade, todas as pessoas devem tirar a roupa e mostrar os órgãos genitais para agentes penitenciários - no caso das mulheres, é comum relatos para que fiquem em posições desconfortáveis para que as agentes se certifiquem que não há nada introduzido em suas partes íntimas.

A revista vexatória existe sob a justificativa de impedir a entrada de drogas, armas, chips ou celulares nas prisões. No entanto, das visitas realizadas entre fevereiro e abril dos anos de 2010 a 2013, em São Paulo – que tem a maior população carcerária do país –, houve tentativa de adentrar as unidades com drogas ou celulares em apenas 0,03%. Nenhuma pessoa tentou levar armas para os internos, segundo pesquisa da Rede Justiça Criminal, elaborada a partir de dados fornecidos pela própria Secretaria de Ad-

ministração Penitenciária (Fonte: Rede Brasil Atual).

Por que a Revista Vexatória é uma prática ilegal? Diversas organizações que defendem os direitos humanos têm denunciado incansavelmente a revista vexatória como uma prática que fere a dignidade humana. Alguns Estados encaparam uma campanha contra a revista vexatória (“Pelo fim da Revista Vexatória”) e, com isso, já é possível identificar alguns pequenos avanços. Dentre eles, a implantação de scanners, detectores de metais e aparelhos de Raio-X nas unidades penitenciárias para preservar a integridade física, psicológica e moral dos parentes dos encarcerados.

Em 2014 foi aprovado pelo senado o Projeto de Lei 7764/2014, que prevê a proibição da revista vexatória em todo o país, porém, até agora, o PL aguarda o parecer do relator da Comissão de Segurança Pública e combate ao crime organizado.

São Paulo e alguns outros Estados sancionaram leis que proíbem a continuidade da revista vexatória nos presídios, mas hoje, mais de um ano após a lei sancionada, as revistas vexatórias continuam ocorrendo. Segundo informações da Pastoral Carcerária de São Paulo, em Abril de 2015 o Governo do Estado assinou o contrato de locação de cinco equipamentos de scanner corporal com a empresa Nuctech do Brasil Ltda. Atualmente, as 162 unidades prisionais já contam com aparelhos de Raio-X e detectores de metal, mas as revistas vexatórias continuam ocorrendo.

No município paulista de Itirapina, na região de São Carlos, a prática da revista vexatória em visitantes de presos está proibida e já foi substituída pelo scanner.



VEXATÓRIA!

REVISTAS VEXATÓRIAS PRA QUE(M)?

Juntamente com um grupo de pessoas contrárias a revista vexatória, tenho ido à fila do Centro de Detenção localizado na Vila Prudente para conversar e conscientizar as pessoas que vão visitar os presos sobre seus direitos, no que se refere à revista vexatória. E também para saber, na prática, qual tem sido a aplicabilidade da lei sancionada pelo governo do Estado.

A fila dos presídios, em sua grande maioria, tem um rosto, uma cor e uma classe: MULHERES NEGRAS PERIFÉRICAS. São essas mulheres que, de 15 em 15 dias, estão saíndo na madrugada das mais variadas quebradas da cidade, com suas sacolas transparentes, calças de moletom, camisetas largas, sutiã sem aro, sem presilha no cabelo, chinelo etc. Essas mulheres, muitas vezes com suas crias, enfrentam chuva e frio na fila do lado de fora do presídio – não há uma única área coberta, não há uma única cadeira, nem para as grávidas ou idosas, nem o menos um gole d’água. Isso me faz pensar que a humilhação e a tortura não começam com a revista vexatória, são bem anteriores a isso.

O Brasil tem a quarta maior população carcerária do mundo. Segundo dados da SAP (Secretaria de Administração Penitenciária), em 2014, havia 376.669 vagas disponíveis em 1.424 unidades para abrigar toda população carcerária do país, ou seja, 1,6 presos por vaga. Isso significa que, em um espaço planejado para dez pessoas, há em médias 16 presos. Isso evidencia qual tem sido a política do Estado para o sistema prisional, há um descaso generaliza-

do com a população carcerária e com seus familiares – na minha concepção não são coisas desconexas. Acho que a grande tarefa que estáposta, principalmente a nós, mulheres da periferia, é seguir denunciando as atrocidades contra as vítimas dessa lógica judicial punitivista imposta principalmente às mulheres. É como se por aquela mulher estar na fila do presídio, ela também fosse “culpada por algum crime” e tivesse que pagar por ele, por isso todos os tipos de humilhações possíveis parecem ter justificativas – mas não tem! Todo ser humano merece ser tratado com respeito e dignidade.

Mulheres, o recado que fica é que possamos promover debates nas periferias e denunciar todas as mazelas do Estado contra as mulheres, que tenhamos força para fazer valer a lei que proíbe a exposição desnecessária durante a revista vexatória, que possamos conscientizar e somar forças em nossas quebradas com as manas que estão passando por essa situação. A revista vexatória, assim como outras medidas estatais, recai diretamente sobre a população pobre e periférica, por isso, é extremamente importante não nos calarmos até que consigamos derrubá-la completamente.





POR MARIA GALINDO
TRADUÇÃO ILUSTRAÇÃO E FOTO:
CAROLINA TEIXEIRA

CO LO QUE MOS OC COR PO

Nossas pinturas, ou mais bonito nossas “grafitagens”, não necessitam de uma interpretação sofisticada ou rebuscada, não estamos apresentando esse livro para abrir a pesada cortina de um estudo acadêmico sobre nossa linguagem grafiteira. Aqueles que quiseram interpretar desse ângulo se perderam até murcharem, pobres... E não foram poucos!

Apresentamos a vocês esse livro porque nos foram pedidas centenas e milhares de vezes um livro sobre as “grafitagens”, e não é por pretensão ou arrogância... Acreditamos que se as paredes falassem, elas também pediriam graffitis. As paredes

dos bancos onde se suga o trabalho do povo, as paredes dos prédios dos burocratas onde policiais vigiam para que ninguém se sente para chorar, que nenhuma chola cansada se sente em sua porta, que nenhum engraxate decida abrir seu negócio na porta de alguma embaixada... Se as paredes falassem pediriam graffitis para ter boca e braços para falar e abraçar.

As pessoas, mulheres e homens de todas as idades, de terno ou de jaqueta, velhas ou jovens de todos os pontos de vista nos pediram esse livro porque agora não só querem ter as “grafitagens” nas ruas de suas cidades, mas também em suas casas, em suas cabeceiras e sobre a mesa de jantar ou entre os livros e recortes de receitas de cozinha ou docerias, ou quem sabe escondido e clandestino junto das coisas proibidas e amadas. Sabemos que esse livro, mesmo em casa, não vai ocupar um lugar qualquer, porque os graffitis depois de anos nas paredes, depois de terem sido apagados centenas de vezes por três ou quatro diferentes ministérios de governo, porque apesar do sol, do frio, e toda a crueldade que também caminha nas ruas de nossas cidades, nossas “grafitagens” depois de tantos anos seguem cheias de frescor. Lemos suas palavras centenas de vezes e não perdem sua música, sua força, seu sentido, não se desgastam com o passar do tempo, seguem suando sobre as paredes, abraçando e acompanhando as rebeldes e até os rebeldes, seguem se instalando nos corações das desprevenidas e desprevenidos, e chamando à desobediência, ao prazer, ao amor, à luta, a ser parte de nossa vida cotidiana.

**SOMOS GRAFITEIRAS,
NAO BOMBARDEIRAS!!!**

Grafitar é para nós um método, uma forma ou uma estratégia de luta, como prefiram chamar isso. Quando grafitamos estamos lutando, mas isso não significa que não seja uma ação para rir e desfrutar também. É que o verbo “lutar” tem sido historicamente sempre carregado de um sentido militar, um sentido militar que nós detestamos. Para nós lutar se conjuga com amar, se conjuga com sentir e criar e sem isso essa luta te destrói ao invés de te fazer crescer.

Bom, voltemos a isso de lutar grafitando: na hora de grafitar é tão prazeroso escrever: “De fazer-te o jantar, de fazer-te a cama, me fugiu o desejo de fazer-te amor” ou “Atrás de uma mulher feliz existe um machista abandonado”, quanto “O condor passa, a ditadura segue. Julgamento a Banzer”. É que nossas pinturas cabem em um leque não temático, não hierarquizado, nem ordenado, mas cotidiano.

É como nossa cotidianidade, onde ao mesmo tempo em que corrigimos as tarefas das crianças (wawas), que para elas são tão sérias e para nós algo tão pequeno, vai ao mesmo tempo e sem nos separar da correção, doendo-nos a lembrança de que o ditador

esteja no governo. Invadem-nos os pensamentos sobre a reforma educativa, que se vê que não funciona...

Mas bem, com a mão esquerda buscamos a lista de compras, das coisas que nos faltam para pôr na despensa, e recebemos a chamada para firmar o contrato e pensamos há quanto tempo não fazemos amor e sentimos uma frieza logo interrompida pela menininha ali, que precisa de um casaco vermelho para dançar colorida. Assim vamos construindo essas pinturas a partir de nós e nosso cotidiano, que é político, que é concreto, que é o dia-a-dia que compartilhamos com nossos entes queridos e também com seus tormentos. O útero, o fundo da carteira, nossas tranças ou nossas lágrimas podem ser os lugares de onde saem. E às vezes vemos as pinturas se retorcerem de calor no azeite fervendo das panelas ou delicadamente envoltas nas fraldas das crianças. A criatividade também não deixa de fazer os seus truques, se esconde e sai lentamente nas pontas dos pés para fora de seu canto quando nos vê contornar nossos sentimentos mais profundos de dor ou de alegria.

APROVAR UMA IDEIA PARA PINTAR

A aprovação geral do que vamos pintar é simples: eu digo e leio em teus olhos... você gosta disso, te fascina!!! Não irmã, ainda falta, está confuso, porque não colocamos esse toquezinho... Sim, assim está pronto... Como era? É um jogo de intuições e sensibilidades, onde a razão pode sair e dar uma voltinha, porque ninguém lhe perguntou nada. Também há "graffitadas" que recuperamos do movimento feminista latino-americano e de algumas poetas amadas, especialmente Alfonsina Storni, a argentina; Julieta Paredes, nossa companheira; Sóror Juana Inês de la

Cruz, a mexicana; e Tecla Tofario, venezuelana. Nós entendemos as pinturas como ação artística e por isso reconhecemos a autoria só quando extraímos um verso escrito, porque sua força incontrolável não é a individualidade, mas a coletividade pensante, atuante e sonhadora. São as Mujeres Creando que vão mais além de cada uma de nós e que envolvem também a essas mulheres que desejamos convocar e seduzir.

Contudo, o graffiti ou pintura não é uma frase pensada para ser escrita em um livro, é a frase escrita no muro. E para nós o "onde" e o "quando" é resultado de uma resposta a um processo de reflexão coletiva sobre o espaço, isto é, é na rua e na cidade e sobre o espaço histórico político que está o "quando" e o "porquê".

É assim que as nossas pinturas integram diretamente com a população, porque as colocamos de propósito para romper com a rotina política que gira em torno dos homens públicos secos de imaginação e frequentemente de inteligência, homens tão carentes que só lhes sobra o ego fálico e o afã de mandar. Fazemos as pinturas de propósito para desordenar a ordem social piramidal e pesada, onde acima é o lugar dos impunes e prepotentes e abaixo estamos nós. Rompemos esse equilíbrio piramidal não deixando que recaiam sobre nossos homens, fazemos intencionalmente para romper o silêncio de nós mulheres, fazemos intencionalmente para romper os "bons costumes" que deixaram reservado para as mulheres o lugar da cozinha, as fidelidades incondicionais e as resignações. Cada vez que você vê escrito: "Luta ama a vitória", pode imaginar nesse mesmo lugar duas



mujeres abraçando-se, beijando-se, fazendo empainaditas nesse lugar, na rua e na luz do dia. Trazemos outros exemplos: na cidade de La Paz, na rua 20 de Outubro, nas calçadas onde existem vários clubes noturnos onde noite após noite oficinachos (homens de escritório+fascista) compram seu "direito" entre aspas de humilhar as mulheres, pintamos entre outras coisas: "Para todos os sistemas de machos e fascistas a mulher é uma puta, morram os sistemas, vivam as putas". Podemos comprovar que as mulheres trabalhadoras desses clubes têm usado essas pinturas a seu favor e sabemos que ter na boca as palavras para poder se defender é vital quando te fodem. As pinturas também estão lá para isso. Outro exemplo interessante é o Clube Oruro na cidade de Oruro, clube que condensa as normas sociais classistas e racistas a respeito da sociedade orureña em seus afãs hipócritas: bom, ali pintamos: "Tu

**PARA NÓS LUTAR
SE CONJUGA COM
AMAR, SE
CONJUGA COM
SENTIR E
CRIAR E SEM
ISSO ESSA LUTA
TE DESTRÓI AO
INVÉS DE TE FAZER
CRESCER.**

me quer virgem, tu me quer santa, você me tem farta". Em Cochabamba temos observado como o atual prefeito, que usa como apelido político "el Bombóm", havia tentado conquistar apoio do setor feminino, apoio construído misturando confusos sentimentos de participação e machismo ao mesmo tempo. Bom, para elas escrevemos em todas as partes e repetidamente: "Mulher, não se entregue ao "facho" fascista de Bombóm, constrói sua própria visão".

Temos tido cuidado também de não cair em uma visão maniqueísta onde os homens enquanto homens são os vilões do filme e as mulheres enquanto mulheres somos as boazinhas do assunto. Assim fizemos alguns escritos alusivos a aquelas mulheres que se identificam com o sistema e que adotam seus métodos machistas e hipócritas, pintando: "Cuidado, o patriarcado agora também se disfarça de mulher sedenta de poder".

Sabem, essa pintura ocasionou o VII Encontro Feminista Latino-americano no Chile, uma reação de tal apaziguamento por parte das mulheres, que o encontro inteiro não pôde seguir adiante sem antes tomar posição ante a pintura e por tabela ante o poder e seus representantes. Outro escrito dedicado a algumas candidatas que utilizam o mesmo formato do homem público

Texto retirado do livro *La Virgen de los Deseos*, Tinta Limón Ediciones, 2005. Coletivo Mujeres Creando é formado por ativistas urbanas, feministas e anarquistas, com bases nas cidades de La Paz e Santa Cruz de la Sierra, Bolívia. Fundado em 1992, Mujeres Creando é um movimento autônomo (constituído por prostitutas, poetas, jornalistas, vendedoras de mercado, empregadas domésticas, artistas, costureiras, professoras etc.) em luta contra o sexismo e o patriarcado institucionalizado, tanto na Bolívia quanto no resto do mundo. Com essa finalidade, as integrantes de Mujeres Creando atuam como guerrileiras, abrindo espaços de visibilidade e descobrindo outros com seus próprios corpos; na rua, nos meios de comunicação e nos espaços da arte contemporânea internacional.

na hora de fazer política e se mostram como supermulheres "decentes" pintamos: *"Eu era uma mulher decente e dona de casa, que barbaridade não estranho meu passado, note que não vou sair candidata"*.

Esses são só alguns exemplos para aclarar como interatuamos com o espaço físico e com o espaço histórico de nossa cotidianidade. O resultado disso é a pintura que dialoga da parede sempre com um "tu" que a olha. Nossas pinturas se dirigem a um "tu" e, sobretudo a um tu despojado de classe, de pertencimento institucional, despojado de hierarquia, despojado de mando. Por isso jamais insultamos, não lançamos declarações, não divulgamos receitas políticas, não somos complacentes. É por isso que as tentativas de nos copiar, que não foram poucas, não obtiveram nenhum resultado.

Graffiti assim é uma coisa muito séria. É uma ação onde inserimos nosso corpo na luta histórica para transformar nossa sociedade. Não colocamos um corpo heroico, militarizado, colocamos um corpo vulnerável, sensível, sensual, criativo, desarmado e não violento.

**NÃO
COLOCAMOS UM
CORPO HERÓICO,
MILITARIZADO,
COLOCAMOS UM
CORPO
VULNERÁVEL,
SENSIVEL,
SENSUAL,
CRIATIVO,
DESARMADO E
NÃO-VIOLENTO.**



CORPO SÃO MENTE EM LUTA

Com licenciatura em educação física, pós-graduação em globalização e cultura, vários outros cursos de extensão em gestão cultural e cultura negra, passei por diversos espaços culturais, de educação e de esportes. Inicialmente como operária e, conforme estudava, educadora e coordenadora: Hospital do Campo Limpo, E. E. Carolina Cintra da Silveira e outras, Centro Esportivo Joerg Bruder, Casa de Cultura de M'Boi Mirim. Situações de grandes aprendizados e prazeres, mas todos com algo em comum: as mesmas dificuldades e problemas. O racismo e o machismo estão presentes em todos. Como se fosse algo combinado. Como se fosse uma determinação natural. A chegada ao Espaço Sócio Cultural Sacolão das Artes se dá no mesmo momento em que minhas reflexões acerca destas questões se tornam cada vez mais latentes. Ali, nada é diferente. Exceto uma coisa: já tinha consciência

suficiente para me impor, deixando evidente o que pensava e como queria conviver com aquelas situações. Em um espaço em que a maioria é de mulheres, políticas e politizadas, creio que minha presença veio a contribuir para levar os homens a refletirem sobre suas práticas e perceberem que elas não são naturais, já que não são aceitas por uma parcela significativa da sociedade, nós mulheres. Ao mesmo tempo, essa convivência tem me estimulado cada vez mais a estudar e me posicionar firmemente nas relações de trabalho, sociais e familiares. Quanto mais enfrento adversidades, mais me descubro como mulher, pessoa humana.



SER MULHER E GESTORA CULTURAL: DESAFIOS NOS CAMINHOS DO RECONHECIMENTO, ENFRENTAMENTO AO MACHISMO E AMOR À CAUSA

Araílda Carlos Aguiar do Vale (Carla), 42 anos, cofundadora e coordenadora da Associação Cultural Recreativa Esportiva Bloco do Beco, gestora pedagógica do Bloquinho do Brincar e atual Representante Legal da Instituição.

Quando cheguei do Estado do Piauí, eu trabalhava em casa de família como doméstica até conseguir um emprego numa empresa metalúrgica. Quando comecei a namorar meu atual companheiro, ele também era metalúrgico, torneiro mecânico. Depois de anos trabalhando em uma metalúrgica e já exaustos daquela rotina rígida, vivenciando um ambiente de muita repressão e riscos de acidentes de trabalho, eis que surge a proposta do meu companheiro para arriscar uma mudança em nossas vidas: trabalhar na área da cultura. Engraçado,

nós não sabíamos direito como fazer isso... O que a gente sabia é que a gente queria ampliar nossa visão de mundo, aprender coisas novas e contribuir com a molecada do nosso bairro. Pois não existia nenhum trabalho cultural e recreativo voltado para crianças e adolescentes no Jd. Ibirapuera.

Ele saiu do trabalho e eu já havia saído há pouco tempo. Logo depois, entramos para a rede social de cultura na região do Jd. São Luiz, aqui na zona sul. Assim, conhecemos vários coletivos de teatro, dança, música, cinema e pessoas que trabalhavam no 3º setor (estava na “moda” essa palavra). Pensando em nos aperfeiçoar, ele partiu para estudar no SENAC Penha, que tinha muitos livros ligados ao 3º setor. Eu fiquei me deleitando com o que ele trazia, com os seus sonhos e eu sonhei junto... Desse sonho nasceu a organização Bloco do Beco, há 13 anos atrás.

Contando assim parece até fácil né? No início, fazímos reuniões na minha casa, fazendo da sala um escritório provisório dos nossos sonhos e projetos. Depois alugamos um espaço na rua de casa, mesmo sem saber ainda se teríamos dinheiro para conseguir pagar o aluguel. Passamos por vários obstáculos, mas essa parte da história vai ficar para uma outra vez.

O que me traz aqui é contar a minha dificuldade como gestora e cofundadora da organização. Tínhamos uma equipe de cinco homens e eu era a única mulher. O que mais me incomodava era que mesmo participando de tudo (reuniões, planejamento), percebi que a minha opinião em relação a dos outros não era considerada. No começo, eu pensava que eles faziam isso porque de fato eu não conhecia muito sobre o assunto, mas depois fui percebendo que não. Então, tomei uma decisão dentro de mim: o fato deles não considerarem o que eu dizia e não me ouvirem, não iria me intimidar, eu não ia desistir!

Durante 10 anos fiquei me dedicando ao trabalho da instituição sem remuneração. Eu cuidava da limpeza, da organização do espaço e conversava com os educadores (em sua maioria, voluntários) sobre o desenvolvimento das oficinas, dos educandos e também sobre a adaptação na organização. Para conseguir

**EU OUVI QUE EU
NÃO SABIA
FALAR, NÃO SABIA
ESCREVER E QUE
EU NÃO TINHA
CONHECIMENTO
ACADÊMICO NEM
EXPERIÊNCIA
PARA ESTAR
EXERCENDO ESSA
FUNÇÃO.**

pagar o aluguel, eu passava todo mês recolhendo doações dos comércios do bairro e organizava eventos como feijoadas e festas com comida nordestina para ajudar na arrecadação de grana para manter o espaço funcionando. Além disso, mediava os conflitos entre educadores, com a igreja que ficava embaixo da nossa sede, de vizinhos e grupos que usavam o espaço para ensaio.

Mesmo com todas essas atividades que fazia, sentia que não era valorizada e sofria muitas cobranças. Nada que eu fazia nunca estava bom o suficiente. Eu ouvi que eu não sabia falar, não sabia escrever e que eu não tinha conhecimento acadêmico nem experiência para estar exercendo essa função. Sentia que eles me viam apenas como um “quebra-galho” e que estavam esperando chegar uma pessoa mais competente para realizar essas funções. Sofri com preconceito por eu ser nordestina, falar diferente, por ser mulher e não ser da área da cultura; por não entender de administração, enfim por não ser qualificada em porra nenhuma!

Mas a verdade é que eu não encontrava ninguém que eu pudesse falar sobre isso. O meu companheiro sempre me dizia que eu deveria ter calma e paciência, que o trabalho trazia mesmo certo desgaste, mas que eu não deveria me importar. Agora mesmo, escrevendo esse texto, várias lembranças vieram à minha cabeça, de provocações que eram feitas por parte alguns colegas da equipe e me deixavam enfraquecida. Por muitos anos fiquei segurando uma barra, achando que era assim mesmo, que eu não podia reclamar e nem me prender as manifestações de preconceito. E assim, fui me envolvendo mais com o trabalho e aprendendo a passar por cima dos obstáculos, de tudo isso que me deixava insegura.

Com o passar dos anos, a instituição foi ficando maior, conseguimos montar uma brinquedoteca. Depois, foi o espaço de uma antiga associação onde hoje acontecem as atividades ligadas às manifestações artístico-culturais e recreativo-esportivas, são elas: dança (samba-rock, dança de salão, balé), teatro, capoeira, maracatu e judô. Continuamos crescendo e fizemos uma parceria com a Associação de Moradores do Jd. Ibirapuera, onde por mais de 30 anos crianças foram alfabetizadas pela Dona Maria, uma liderança do bairro. Nessa associação, atual Casa do Bairro, funciona o nosso escritório e onde dividimos espaço com parceiros e coletivos que desenvolvem os mais diversos trabalhos, são eles: Programa Vivenda, Unidade Básica de Saúde (UBS), Coletivo Katu, Coletivo Tamo Vivo (com jovens da região), Núcleo de Alfabetização de Jovens e Adultos, os encontros do Fala Guerreira, CineIbira. Além de ser também um espaço utilizado para reuniões, palestras, eventos que movimentam a nossa região.

Mas, foi no dia 8 de março de 2015, que meus caminhos ganharam um novo sentido. Foi organizado um evento chamado Periferia Segue Sangrando, aqui na Casa do Bairro, organizado por mulheres e para mulheres, comemorando o dia das mulheres de maneira real e profunda. Aconteceu uma oficina de estêncil, partindo do princípio da pedagogia feminina, e uma exposição

fotográfica retratando o nu feminino de forma poética e não sexualizada. Vivenciamos um círculo de paz com a participação de mais de 50 mulheres se olhando e ouvindo as histórias umas das outras, depois seguimos em um cortejo simbólico pelo bairro, cantando uma ladainha que fazia chamamento e homenagem às mulheres do bairro. Durante o cortejo, uma tinta vermelha foi marcando todo o caminho, pelas ruas, becos e vielas simbolizando o sangue que continua escorrendo nas periferias. Depois, teve cinema, bate-papo falando sobre o machismo e a programação terminou com poesia, música e muita alegria. Vieram mulheres de todas as partes, mulheres da periferia, mulheres de assentamentos, mulheres comuns, mulheres. Um evento que ficou para a história, ou melhor, ficou marcado na minha história, se assim posso dizer.

Depois desse evento, o meu corpo tremia sem parar e eu não entendia o que era aquela sensação. Ao mesmo tempo estava sem fôlego de tanta emoção e fiquei por dias com aquelas sensações no meu corpo. Conversando com algumas companheiras, percebi que não era apenas eu que tinha sido tocada. Assim, pude experimentar a nítida sensação de como a mulher tem um poder ancestral, de emoções e sensações inexplicáveis e se isso era FEMINISMO, eu queria, sim, ser feminista.

Hoje, refletindo, percebo o quanto é importante caminhar com as mulheres, porque juntas somos capazes de nos fortalecer na caminhada. A verdade é que naquele tempo, quando começou o Bloco do Beco, todas as críticas e julgamentos



que eu sofria me doíam, mas eu achava que eles faziam isso por uma questão normal do trabalho. Eu não conseguia perceber que o fato de ser mulher faz com que a gente seja muito mais cobrada e tenha uma carga de responsabilidade maior do que a cobrada de um homem. Ser uma mulher, gestora e sem uma qualificação acadêmica, era de fato algo que de alguma forma criava um incômodo. Não percebia que essas provocações e humilhações que sofri eram fruto de um machismo típico do mercado de trabalho e das relações de gênero.

Sinto-me orgulhosa em fazer parte dessa construção. Hoje eu sou coordenadora da Brinquedoteca, um espaço voltado para cultura da infância na periferia, utilizando uma pedagogia humanista, em que os saberes e as vivências das crianças são considerados, ou melhor, são fundamentais, e cada um é olhado na sua particularidade. Tive que voltar a estudar, pois percebi que para ter respeito profissional, muitas vezes é preciso, sim, uma qualificação acadêmica, o que também foi bom para o meu desenvolvimento como pessoa.

Não é somente pela faculdade que eu tenho me sentido mais capaz. É verdade que também aprendo muito com as crianças, mas de fato, venho encontrando o meu lugar participando dos encontros de mulheres. Hoje tenho mais segurança na minha fala e sou ouvida entre as minhas iguais. Isso me fortaleceu e me fortalece muito, porque tenho descoberto minhas qualidades e tenho me sentido mais empoderada de ser quem eu sou. Perdi o medo de dizer o que penso, me sinto mais firme e segura junto aos meus colegas de trabalho e não mais em uma postura de vitimização. Sinto-me mais tranquila pra falar que eu não sei algo, pois entendi que não temos a obrigação de saber tudo.

Acredito que os movimentos organizados por mulheres estão lutando pela mudança dessa sociedade patriarcal. E aos poucos, nossa voz está sendo reconhecida fazendo com que os nossos amigos, família, colegas de faculdade, nossos companheiros e a sociedade nos ouçam e possam caminhar para uma transformação.

Foram esses passos que me possibilitou chegar até aqui e escrever esse texto, já que é a primeira vez que tenho coragem de mostrar e publicar algo que eu escrevi. Além disso, como gestora cultural me alegra saber que podemos desconstruir a cultura do machismo no dia a dia, não com os adultos, mas principalmente com as crianças, um trabalho que tenho muito prazer e amor em desenvolver.

MULHER TRABALHADORA

O Olá, você já parou para pensar porque o feminismo na periferia é importante? Porque essa pauta é extremamente essencial para a construção feminista? Na maioria das vezes, vemos um feminismo branco, elitizado, cis e heterossexual, com mulheres burguesas lutando nas universidades públicas (onde não estamos) e teorizando cada vez mais a luta (com livros que não vemos na escola e temos difícil acesso). Mas muitas vezes ele é excluente com mulheres periféricas, assim como as trans, lésbicas e negras, vemos muito frequentemente as apropriações culturais, as apropriações de lutas e de superação. Esse tipo de feminismo aborda somente a liberdade da mulher sem ver pelo ponto de vista econômico, então a mulher periférica ainda está aprisionada com problemas que conhecemos bem: falta de dinheiro, as próprias construções sociais que nos dizem que não devemos trabalhar (pois o homem que provém o lar), até cuidar dos filhos e da casa.

Para entender um pouco a formação da periferia, comece olhando ao seu redor, conheça pessoas da periferia, ouça a história delas. Depois, reflita um pouco sobre a história do Brasil, você verá que sempre houve uma dominação rica, branca e masculina. Pronto! Você já tem um conhecimento de classe básico, você sabe que o nosso sistema consiste no enriquecimento de poucos pela exploração de muitos, você já entendeu como se forma a periferia.

Para entender a posição da mulher também se pode recorrer à História: a mulher desde a Grécia é menosprezada (toda forma de diminuição é usada para dominação). No Brasil, por exemplo, nossa entrada na política é muito recente, as mulheres votam desde 1932 – a menos de 100 anos! Hoje somos minoria na Câmara dos Deputados, no Senado, nos

ILUSTRAÇÃO: CAROLINA TEIXEIRA

ministérios. A primeira presidente mulher foi eleita somente em 2011 e o mais recente Partido da Mulher Brasileira (PMB) é antifeminista e liderado por um homem. A dominação masculina ainda está enraizada na nossa cultura, mesmo com muita luta. Frequentemente sofremos com o machismo que mata mulheres todos os dias, para manter sua dominação patriarcal.

Mas mulheres empoderadas e guerreiras conseguiram entrar nas universidades públicas, cargos públicos e agora (por mais que tentem) ninguém vai nos parar, não estamos mais escondidas, vamos seguir em frente e vamos lutar e conquistar cada espaço antes nos negado!

Porém, vivemos em um mundo capitalista, então temos que trabalhar para nos mantermos. Os trabalhadores da periferia são a grande mão de obra de toda essa máquina capitalista, por isso somos remunerados com salários baixos, exaustivos e, geralmente, de segunda a segunda. Para as feministas das periferias da cidade é mais complicado porque temos obstáculos que atrapalham nossa luta. Um dos problemas é justamente o tempo, que muitas vezes nos impede de ser mais ativas no movimento – quando me refiro ao tempo é quando tem algum evento e não posso ir, pois estou trabalhando, isso às vezes me entristece, porque meu tempo está sendo roubado



FICO BEM FELIZ QUANDO VEJO MULHERES DA PERIFÉRIA BOTANDO A CARA NO SOL

do para o lucro do meu patrão. Outro obstáculo é o dinheiro, por exemplo, pra apoiar minas de outros lugares da cidade (ainda mais com o aumento da passagem, quem não tem passe livre já era!) e, finalmente, mas não menos importante, o cansaço, MUITAS vezes já não estamos em eventos familiares e com amigos, e isso nos afeta profundamente. Posso falar por experiência própria, o problema está em não aproveitar minha própria vida, curtir momentos felizes, até mesmo para esquecer um pouco dessa rotina que me mata no dia-a-dia. Até mesmo no trabalho doméstico vemos uma semelhança muito grande dessa lógica, além de ser um trabalho muito ingrato, com isso podemos ver a solidão da mulher trabalhadora em segurar toda essa barra sozinha, toda a sociedade naturaliza essa questão então não chegamos a questionar sobre.

Fico bem feliz quando vejo mulheres da periferia botando a cara no sol, conquistando todos os lugares que quiserem porque elas PRECISAM estar lá, vamos ser ouvidas e respeitadas, e cada uma de nós vai decidir o que quer fazer da sua vida sem ser julgada. Ainda temos que trabalhar muito, calma! Também estou no começo, se você também está, não se preocupe, tenho certeza que você achará um grupo de mulheres maravilhosas como eu encontrei. Guerreira, não é fácil, eu sei, mas com força e luta, vamos mudar o placar.

PATRÍCIA TIROLA, ESTUDANTE DE HISTÓRIA, INSEGURA, MAS CHEIA DE SONHOS E AMOR PELA VIDA.

MANIFESTO

Periferia segue sangrando e não estanca. Em nome desse sangue é que nós mulheres periféricas, negras, faveladas, nordestinas, donas de casa, trabalhadoras, chefes de família, artistas, lésbicas, trans, estudantes, mães-solteiras nos levantamos em sentimentos, voz e ação para bradar todas as violações as quais estamos submetidas diariamente. O sangue que escorre também é o nosso. É chegado o tempo de deixar para trás o pesado fardo do silêncio, que há muito recai sobre nós como mácula. Por isso, levantamos para dizer não! Para dizer basta! Levantamos para irmos além do ontem e do agora.

NÃO a padronização comportamental que nos categoriza como sexo frágil e nos quer submissa para suprimir nossa potência.

NÃO a escravidão estética que busca nos transformar em um exército de mulheres ideais para consumo, excluindo e ridicularizando qualquer uma de nós que não se encaixe nesse modelo.

NÃO a agressão física e psicológica exercida por companheiros, travestidos por um suposto discurso de amor, mas que no fundo são apenas estratégias de exercer o controle e a punição voltados para manutenção de seus privilégios.

NÃO a violação dos nossos corpos, não aos inúmeros abusos sexuais cometidos, que subjugam a nossa humanidade como se fossemos criaturas disponíveis apenas para o sexo, à mercê da vontade alheia.

NÃO ao feminicídio que extermina mulheres todos os dias, apoiado no discurso misógino que propaga o ódio, baseado puramente em nossa condição de gênero. Morremos simplesmente por sermos mulher.

NÃO a diferenciação salarial que inferioriza nossa força de trabalho, nossa intelectualidade, nossa potência criadora. **NÃO** ao abismo salarial que atinge ainda mais as mulheres negras e pobres.

NÃO a desvalorização da arte produzida por mulheres. **NÃO** a monopolização do acesso aos espaços culturais e artísticos e aos constantes boicotes com intuito de nos invisibilizar.

NÃO aos contratantes das empresas, não aos locatários de imóveis que se valem da quantidade de filhos que a mulher possui para dificultar ou impossibilitar sua entrada.

NÃO a reprodução cômoda do papel social que coloca as mulheres como única responsável pelas tarefas domésticas, sem qualquer divisão de tarefas entre os homens da casa.

NÃO ao descaso e a falta de reconhecimento às mulheres chefes de família, que cumprem jornada de trabalho dentro e fora de casa, com a vida voltada para os outros e pouco tempo de olhar a si na busca por emancipação.

NÃO a violência obstétrica que impera nos hospitais públicos, incapaz de disponibilizar apoio ou acolhimento durante o parto. Violência essa que culpabiliza a mulher por sua condição.

NÃO a discriminação e falta de apoio às mulheres que optam pelo aborto, muitas vezes realizados de maneira precária pela falta de condições econômicas, que arriscam sua saúde e não possuem qualquer apoio emocional ou psicológico em sua decisão.

NÃO aos homens que não possuem comprometimento na criação dos filhos, delegando a mulher toda responsabilidade na educação, sustento e afetividade da(s) criança(s).

NÃO a ridicularização de nossas opiniões e ideias no âmbito público e no privado, que tenta fazer de nós meras ignorantes. Não a ridicularização do discurso e prática feminista, que pretensiosamente busca deslegitimar nosso posicionamento de luta.

NÃO ao assédio cotidiano de cantadas medíocres que nos expõe, amedronta e ameaça o nosso direito de ir e vir com tranquilidade.

NÃO ao discurso que cria uma rivalidade e competitividade forjada entre mulheres, como forma de destruir nossos laços ancestrais de união e conexão.

NÃO ao preconceito e a ridicularização as lésbicas, transexuais e travestis por sua identidade de gênero ou por sua orientação sexual.

NÃO ao julgamento moral as mulheres que vivem sua sexualidade livremente, principalmente aquelas vítimas de crime virtual que tem sua intimidade expostas, por mera covardia.

NÃO a toda forma de opressão, repressão, humilhação, inferiorização e subjugação que vivenciamos há séculos e décadas.

Nossos corpos tratados como propriedade estão cansados de ser objeto, exaustos de ser controlados e moralizados. Estamos cansadas de sermos tratadas como se o nosso corpo fosse um “perigo iminente”.

Por isso nos levantamos contra o machismo que cerceia nossa liberdade através de discursos e práticas arbitrárias. **PERIGOSO E NEFASTO É O MACHISMO.**

É pela grandeza do feminino que trás consigo o sagrado, a fertilidade e a vida que reivindicamos o corpo como nosso território por direito! Se é pelo corpo que manifestamos a essência do *eu-mulher*, será também através dele que faremos a nossa reintegração de posse, em resposta a todas essas violações. A começar pelo nosso sangue que escorre de nós!

Se antes sangrávamos em solidão, sangraremos todas juntas para expelir essas dores.

Se antes sangrávamos pelos filhos e maridos assassinados pelo genocídio, sangraremos todas juntas para nos opor a violência.

Se antes sangrávamos pela opressão e pelo medo, sangraremos todas juntas empenhando nossas lutas.

Se antes sangrávamos pelo esquecimento, sangraremos todas juntas até o fim pela esperança viva de mudarmos o curso de nossas histórias.

PERIFERIA SEGUE SANGRANDO.

Aqui nos levantamos, para irmos além do ontem e do agora.



estamos de olho

MUITO ALÉM DO CAPÃO PECADO:

Quando lemos Capão Pecado (FERRÉZ, 2000, Objetiva) pela primeira vez, ainda éramos adolescentes. Entusiasmo e uma baita expectativa era a sensação presente, justamente por se tratar de um escritor da quebrada, que trazia como cenário da narrativa o bairro do Capão Redondo, coração da periferia da zona sul. Era um marco, enfim alguém da ponte pra cá criando uma representação literária de nós pra nós!

A cada página aumentava o envolvimento com a narrativa e, em paralelo, crescia também um incômodo na forma como as mulheres apareceram ao longo da história. Não nos sentimos representadas e não sentimos que aquelas personagens estereotipadas representavam as mulheres. Por que sempre esse olhar quando vão nos representar? Mesmo decepcionadas, nada era tão novo assim, já que nas letras de RAP as mulheres também já eram representadas nessa mesma lógica.

Passados quinze anos, as percepções sobre Capão Pecado ficaram mais elaboradas. A narrativa carrega muitos elementos que são silenciados em outros livros da literatura brasileira, tanto na questão da linguagem, quanto por colocar em evidência a vivência da que-

O MACHISMO NA REPRESENTAÇÃO DA MULHER PERIFÉRICA

ILUSTRAÇÃO:
CAROLINA
TEIXEIRA

brada em seus múltiplos aspectos: as mazelas, tretas, camaradagens, o crime e os laços afetivos e familiares.

O livro é um pioneiro dentro da literatura periférica, sem dúvida. Mas nem por isso podemos deixar de fazer a crítica. Definitivamente, Capão Pecado POUQUÍSSIMO mostra o que é ser mulher na periferia. O livro é todo fundamentado na perspectiva dos homens, narrado por um olhar inteiramente masculino. E, ainda que pudesse ser apenas uma reprodução da realidade vivida, parte de um ponto de vista amplamente machista. Ele retrata o mundo dos homens na periferia, ocultando o que seria o Capão para nós, mulheres.

A trama toda se desenvolve em torno do protagonista Rael, bom moço periférico, pacato e trabalhador. Rael tenta levar a vida na boa e ajudar a família, sem se envolver com crime ou com as drogas, situação de muitos parceiros do seu convívio ali. Sempre contando com o apoio da mãe, marcado pela ausência de seu pai alcóolatra. A história tem seu ponto alto quando Rael se apaixona por Paula – namorada do seu melhor amigo e os desdobramentos surgidos a partir do envolvimento entre eles.

Nas representações femininas do livro, podemos destacar duas personagens: a mãe do Rael, dona Maria, que cumpre o papel de santa-sofredora-prestativa durante toda a história, e a Paula, que transita no papel de enganada-apaixonada, passando a amante-sedutora, até chegar a esposa e se consolidar como megera-traidora-interesseira no final da história. Aqui não se pode deixar de lembrar a velha dualidade que persegue a nós mulheres. Na quebrada, ou somos santas ou somos putas. Em Capão Pecado não é diferente, de um lado a mãe e do outro a mulher fatal, confirmando a polaridade santa-puta.

Mas qual o impacto desse tipo de representação? Para nós, a construção dessas personagens colabora com a personificação de um estereótipo feminino machista, deturpado e tendencioso, que assume força quando encontra eco em outros homens, sejam eles periféricos ou não periféricos. Um imaginário acerca do que é a mulher é formado e/ou reforçado.

E não podemos ser ingênuas sobre o alcance e impacto que uma obra literária inscreve. Da legitimidade criada em torno da palavra escrita, seus mapas, seus corpos, signos e perspectivas. Assim, o que era personagem, rapidamente pode ser estendido e generalizado não apenas as minas do Capão, mas a qualquer mina circunscrita no universo da periferia que possa ou não apresentar qualquer comportamento semelhante aos retratados na história. Cria-se o estereótipo do que é ser mulher na quebrada.

Trechos do Capão Pecado em que o julgamento moral, a conduta feminina e a violência são naturalizadas:

“ - NUNCA SE SABE, VELHO AMIGO, NUNCA SE SABE, MULHER É BICHO QUE NÃO SE CONFIA.”

“ - FICA QUIETA, VOCÊ MERCE ISSO, A DOR É SÓ AGORA”

“MATCHERROS ENTÃO, COM SEU AR DE MACHISTA, LHE DISSE QUE MULHER E NADA ERA A MESMA COISA. PAULA OUVIU, MORDEU OS LÁBIOS MAS NADA FALOU.”

“ - NOSSA, QUE PIRANHA, MANO! E ELA RENDEU PRA TODO MUNDO ASSIM NA MAIOR?”

“ PRIMEIRA LEI DA FAVELA, PÁRAGRAFO ÚNICO: NUNCA CANTE A MINA DE UM ALIADO, SE NÃO VAI SUBIR”

Há inúmeros trechos, mas um em destaque, que decidimos não transcrever, é a suposta cena que se intitula erótica/sensual, mas que na verdade, para nós mulheres, quando lemos e imaginamos a cena, trata-se obviamente de uma cena de estupro, de um sexo forçado entre os personagens. E que na obra é naturalizado como uma cena de sexo consentido. Isso arrepiou nossa alma. Só uma mulher pra sentir a revolta ou reviver todos os traumas ao se deparar com a descrição de um ato sexual forçado. Foi pesado para nós ler toda essa cena. Muito pesado.

Obviamente Capão Pecado não é o primeiro nem o único livro em que o machismo se faz presente na narrativa. Aqui podemos lembrar Gabriela Cravo e Canela, de Jorge Amado e Iracema, de José de Alencar, além de inúmeros personagens nas obras de Nelson Rodrigues. São raras as vezes que somos valorizadas na escrita masculina.

PENSANDO NESSAS REPRESENTAÇÕES, ACHAMOS IMPORTANTE DESCONSTRUI-LAS PARA FORTALECER AS MANAS QUE NÃO SE VEEM RETRATADAS E NEM COMPACTUAM COM AS INTERPRETAÇÕES EXPOSTAS EM LINHAS E ENTRE LINHAS DO LIVRO:

1. ■ QUAL É O REAL PROBLEMA DA TALARICAGEM? A consideração existente entre dois grandes amigos? Achamos que não é apenas isso! O que de fato está em jogo é que o homem não tenha sua honra manchada. Essa é uma herança do machismo, que parte da ideia que em uma relação afetiva as pessoas são propriedade uma das outras, o que acaba por gerar muita violência, como a gente bem sabe. Acreditamos que nenhuma mulher é propriedade e que todas têm vontades próprias e liberdade de escolher seus caminhos e com quem querem se relacionar! Perceba, quem leva os homens a matar ou morrer em função de “traição” ou “vingança” não é a mulher e sim a perversidade do machismo que levado a úl-

■ ESTAMOS DE OLHO

timas consequências os condicionou a exercer esse papel violento.

2. ■ SERIA A MULHER UMA TENTAÇÃO? BICHO INESCRUPULOSO? PUTA? Não dá pra aceitar esse discurso da mulher provocante que seduz o homem, afinal é como se ele não tivesse escolha. Afinal, o “que faz uma mulher bonita com trajes provocantes, o que é que ela quer? Esse tal “instinto masculino” incontrolável é construído culturalmente como forma de poder e coerção das mulheres. Não dá para continuar colocando as mulheres como objetos sexuais de desejo, levando o homem a atitudes impensadas e perigosas, mas quando o “bicho pegar” sempre elas é elas que viram as culpadas, pecadoras e ardilosas. Quem nunca ouviu a frase “uma vez amante, sempre amante”, não é mulher de confiança os machistas dizem. Nesse enredo a mulher sai como errada enquanto o cara é o bonzinho, coitado, traído. Seria só um caso passional? Que ironia, hein, irmãs? Como é pra vocês na vida real da quebrada? Esse enredo parece com você, suas irmãs e parceiras?

3. ■ A PROBLEMÁTICA DA MULHER INTERESSEIRA E APROVEITADORA. PUTA. No dia a dia, ainda que existam essas mulheres elas não correspondem à totalidade das minas existentes na periferia. O grande lance é que sempre estão a nos colocar nesse lugar. A ideia de que as mulheres querem se dar bem, e que seus interesses giram em torno de como ter dinhei-

ro fácil é bem equivocado. Olhe ao seu redor, na sua trajetória, de sua mãe, sua avó, suas tias, lá estará a resposta. Olhe para as mulheres que trabalham na feira, no supermercado, na banca de jornal, na barraca do pastel, na padaria, lanchonete, nas casas lotéricas e lá estará a resposta. Olhe para o ponto de ônibus às 5h da manhã ou às 7h da noite lá também estará a resposta. Então essa ideia de que nós, mulheres pobres, queremos dinheiro fácil é uma lenda urbana machista, porque ao invés disso, sempre batelhamos para ganhar nosso próprio dinheiro e muitas vezes somos nós o arrimo de família.

4. ■ A FIGURA DA “MÃE SANTA-SOFREDORA” PARA NÓS É A REPRESENTAÇÃO DE ALGUÉM QUE TEVE QUE PASSAR POR MUITA VIOLÊNCIA E TALVEZ POR ISSO FOI SE TORNANDO IMACULADA, APENAS PARA SE MANTER VIVA. Quantos casos vocês conhecem de mulheres que passaram a se dedicar unicamente a maternidade e aos filhos? Por que são levadas a agir dessa maneira? Onde estão seus companheiros? Abandonaram-na ou caíram em desgraça primeiro? Não estariam essas mulheres carregando um fardo muito maior do que deveriam? O machismo sofrido em suas vidas tem algo a ver com isso? Essas mães para serem santas, deusas precisariam mesmo passar por todo esse martírio? Cada esquina da quebrada tem uma dona Maria, elas não são santas, elas são mulheres de aço com muitas cicatrizes.

Para fechar nossa análise, algumas outras questões para gente pensar: quem é o pecado, em Capão Pecado? O arame farpado como metáfora a que ou a quem se destina? Numa metáfora bíblica poderia Paula ser comparada a Eva? Estaria ela escrevendo um capítulo contemporâneo da Gênesis? Existe paraíso possível para essa mulher ou para as mulheres da trama no Capão ou em qualquer outro lugar da periferia?

Não queremos uma literatura marginal que nos marginalize, que nos criminalize e que nos coloque como eixo dos problemas periféricos. Difícil carregar um peso que nunca é dividido e sempre tem um rosto de mulher. Sabemos que a periferia foi silenciada por muito tempo, mas quando a gente pode dar o nosso salve, não podemos silenciar o outro lado, e esse lado, Ferréz, somos nós, as mulheres da periferia.

É preciso ir além nas representações das mulheres, é preciso ir além das margens e isso só acontecerá por nós mesmas, a cada vez que não sentirmos medo, não ficarmos receosas com as opiniões masculinas a respeito do que fazemos, do que produzimos e soltarmos o verbo para escrever e inscrever nossas próprias histórias, nesse terreno tão nosso que é a periferia.

Muitas guerreiras do Capão Redondo, Cocaia, Grajaú, Jd. Ibirapuera, Parelheiros, Jd. Ângela, Campo Limpo, Pq. Arariba, Pq. do Lago, Valo Velho, Chácara Santana, Morro do Índio, Jd. Nakamura, Cohab Adventista, Jd. Ipê, Jd. Macedônia, Pq. Figueira Grande, Vila Remo, Jd. São Bento, Jd. Capelinha e muitas outras quebradas não se submeteram e não se submetem aos caprichos machistas que tentam nos silenciar e nos estereotipar, e já estão escrevendo novos capítulos para romper essa cerca de arame farpado, muito além do Capão Pecado.



ESSE É O NOSSA LEMA!

ANDREZA DELGADO.

Conhecida das redes sociais e das ruas nas manifestações que tiram o sossego do poder desde 2013. Mulher, negra, nordestina, periférica, inspiradora e de resistência. Sua história é igual a muitas de nós enquanto nos colocamos nos mundo, nele nos procuramos.

D R A N E R !

Comecei a militar há três anos. Aprendi muito nesse tempo. Lutar é importante, mas se cuidar também, cuidar das marcas da violência cotidiana. Gosto sempre de frisar que não estou lutando contra algo que vi num livro de esquerda e acho que é meu dever enquanto militante de esquerda, isso é sobre minha vida, sobre os meus, são minhas dores, minhas marcas também.

Não sei falar muito sobre minha história, mas vim da terra do cacau (Ilhéus- Bahia) e desde o rompimento com a igreja entrei numa constante linha de mudança. Escrevo para uma revista adolescente chamada Capitolina e acabei de virar prounista no curso de Geografia. Tenho muita vontade de fazer doutorado sobre identificações raciais no território brasileiro. Enfim acho que o que resume a Andreza Delgado (risos) é muita vontade de (re) construir.

Passei um longo tempo na igreja negando minha identidade, até um dia começar a questionar a existência de algumas coisas e acabar rompendo. De lá pra cá, mudanças não faltaram. Nesse exato momento da minha vida me sinto satisfeita com

as escolhas do passado e feliz pelos meus ideais, mas ao mesmo tempo sinto uma profunda angústia na questão da realização das demandas dos de baixo e menos favorecidos. Quando falo isso, penso nas minhas demandas e daquelas e daqueles que se parecem comigo.

Para mim, o feminismo foi e é crucial para minha construção enquanto mulher negra. Saber nomear e entender as estruturas de opressão para avançar me organizando e conscientizando outras irmãs é de extrema importância. O feminismo negro foi muito importante para minha autoestima, com ele descobri toda a minha importância enquanto mulher negra. E isso tem me fortalecido para seguir adiante.

Como algumas pessoas acompanharam, passei por alguns momentos de violência policial que foram grandes momentos de silenciamento em minha vida. Revivo esses sentimentos até hoje em cada crise do pânico que tenho. Minha interpretação sobre falar e gritar aparece todo dia na minha vida quando levanto e vou, por exemplo, nos espaços da universidade onde sofri racismo por não ter perfil de aluno ou mesmo quando vou debater feminismo com as mulheres negras e pobres. Eu rompo esse silenciamento quando não deixo nenhuma situação de violência que passei destruir a minha vida e meus sonhos. Cada passo que dou é um grito. É contar um pouco essa história que é minha, mas também coletiva.

O que me mobiliza é o fato de entender as estruturas de opressão e saber que a partir disso existe a possibilidade de transformação coletiva. E gosto sempre de frisar a coletividade, pois se hoje posso escrever, dar aula etc. é porque um monte de mulher acreditou em mim e isso também traz o sentido para coisa: saber que o feminismo e nossa luta é possível e reproduzível para outras tantas mulheres.



SALVE SALVE

RESENHA RACIONAIS MCS 1994 PARTE III

Essa é a continuação e a última parte da resenha feminista sobre a coletânea Racionais MCs de 1994. Lembrando ke de entender a real e fazer a kritika é o ponto de partida pra fazer nossa tão merecida revolução do cotidiano, ke pra mim, meu, começa na vida das mulheres e lésbicas pretas, pobres, indígenas, latinas, faveladas e periféricas. A faixa 9 é a Pânico na Zona Sul, ke fala sobre violência policial e violência urbana (só esqueceram de falar ke violência doméstica, psicológica e física, estrupro, estupro korretivo, estupro marital deixá é um terror pra várias manA ke vive do lado sul do mapa) não tem nenhuma citação machista, mas sei lá mana, acho ke o apagamento da nossa situação é um machismo também. Entendo ke é a violência específica da qual os homens preto, pobre e periférico são sobreviventes, mas desse jeito parece ke só existe violência na rua. A faixa 10 é um som denominado Hey Boy, ke fala especificamente do ódio de classe social ke us mano tem quando vai falar da condição dos boy. Faz uma análise da desigualdade social e da sua condição de homem pobre, é um mano de periferia falando kom um boy. Quando fala em outra música sobre ódio de classes, o tom é outro é "as burguesas kadelas" é o tom da misoginia (kadela é foda manA, me remete a ani-

VALEU!

malização da mulher e a mulher não é considerada gente na sociedade patriarcal, e também é especista como se uma kabela fosse inferior ao homem). A faixa dez, a já clássica, denunciada por várias manAs do hip hop, a Mulheres Vulgares ke no próprio título já carrega a opressão contra as mulheres. Essa letra fala de mulheres em situação de prostituição, faz uma citação sobre mulheres na indústria da pornografia, diz ke prostituição é uma escolha e fala também sobre prostituição de luxo depreciando mulheres ke tem essas práticas, num tom de moralismo, mas incentiva o homem a usufruir do sexo kom essas mulheres e não valorizar, vê-las como apenas "mulheres vulgares". Como tratar prostituição como escolha da mulher se a gente vive numa sociedade patriarkal ke violenta mulheres o tempo todo para impor sua supremacia masculina? Indo na raiz da questão, os maiores beneficiados da prostituição não são as mulheres prostituídas, ke ganham seu pão de cada dia na rua, nem eskravas sexuais sequestradas pelo tráfico de mulheres, nem as prostitutas de luxo... São os clientes, kafetão, traficante de mulheres, empresário, ke na sua maioria são homens e tem benefício sexual e ekonomiko. A indústria da pornografia ke constrói desejo nas nossas subjetividades, erotizando a violência contra mulher. Toda essa exploração sexual é violência! A faixa doze é u melhor som do Racionais, na minha humilde opinião é u melhor, a clássica Racistas Otários, ke como no nome já diz, é um manifesto antirracista, ke os mestres do DMN gravaram no álbum Saída de Emergência, sem mais. A faixa treze é a última do disco e aborda também questão de violência na sociedade. Tem gente ke vai falar "o hip hop é machista porque a sociedade é machista", mas essa não kola não, tiozão, a sociedade é racista e o hip hop é uma arma apontada na cara da supremacia branca. É nas pekanas palavras ke a opressão contra a mulher se mantém viva e o rap é a poesia periférica na batida dos ritmos, tá mais do ke eskuado ke o rap nacional ajuda a manter viva a opressão contra as mulheres. O hip hop precisa ajudar a salvar a vida das mulheres ke tão morrendo nas kebradas pela mão dos seus próprios maridos, namorados, irmãos e pais. Noz tamo eskravendo não é pra agradar ninguém é pra destruir u patriarkado memo!

UMA VIDA PARA SER AQUILO QUE SOU!

C

omo se reconhecer em uma sociedade que classifica as pessoas de acordo com a cor da pele, o gênero, a cultura e a condição social? Você cresce sendo bombardeada por informações subliminares que afirmam a sua condição de inferioridade em relação aos demais "caucasiano, homem, culto, rico..." . A agressividade que priva de ser quem se é nos atravessa pelos diferentes meios de comunicação, desde a falta de representatividade negra nos desenhos animados, novelas, filmes, brinquedos, até a sutileza das brincadeiras infantis: escravos de Jó, ou Barra manteiga na fuça da nega, um, dois, três. Autores como Monteiro Lobato, por exemplo, jamais foram questionados pelas histórias racistas escritas em suas obras.

E as princesas da Disney, lindas e sensíveis, esperando o príncipe encantado acabar com os vilões malvados e levá-las para seu castelo em seu lindo cavalo branco? As informações são tão naturalizadas, tão comuns, que ao questionar estas práticas, provavelmente você será tachada de radical, melindrada ou mesmo dirão que "as próprias pessoas negras se inferiorizam".

Diante desta reflexão, é possível pensar o quanto é mais oportuno e menos conflitante para a pessoa negra se privar de sua ancestralidade. Se você ouve desde sempre, direta ou indiretamente, que ser negra (o) é algo ruim, como lutar contra as certezas impostas pelos Iluminados? Como assumir seu cabelo crespo sem ser questionada, o tempo todo, sobre a sua decisão? Como enaltecer as religiões afro-brasileiras, se desde sempre elas nos são apresentadas de uma maneira pejorativa, negativa, ruim? Como orgulhar-se por culturas como a capoeira, o samba, o maculelê, o hip-hop se estas culturas são marginalizadas e estereotipadas?

Somos constituídos, doutrinados – e por que não educados – para sermos passivos a este maquinário. Somos bombardeados de programas televisivos vazios, de telenovelas ilusórias, de programas policiais que nos

condicionam a nos revoltar uns contra os outros. Eles nos fazem acreditar na meritocracia, ou seja, todas as oportunidades estão dadas, basta você acreditar e lutar para conseguir chegar lá!

Eu sou fruto de uma relação inter-racial. Cresci lutando para não ser negra. Eu não queria ser a pior, eu não queria ter o cabelo mais feio, eu não queria ter o nariz de "macaca", eu não queria ser o que sou e ficava feliz com frases tipo; "você não é negra", "você tem os traços finos de pessoa branca", "você é moreninha, não negra". Hoje eu me envergonho disso, mas entendo o quanto fui privada de me reconhecer como mulher, negra, periférica...

A minha luta é pra que as meninas de hoje não sofram a violência que sofri, em relação a minha origem, a minha cor, ao meu cabelo... A minha ancestralidade. A negritude pulsa em minhas veias, sou uma sobrevivente do maquinário impositivo racista!



